

Área rural com problema urbano

Na Colônia Agrícola Vicente Pires, o lixo se acumula e ameaça contaminar a água, graças a ação de invasores de terra pública

Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

Taguatinga tem cerca de 1.500 barracos em áreas públicas invadidas. Nem as zonas rurais escapam da corrida a um pedaço de terra. A Colônia Agrícola Vicente Pires — cujas chácaras pertencem à Fundação Zoobotânica e são arrendadas a produtores — está sendo parcelada em lotes, transformando-se em área urbana. E já tem problemas de área urbana. Lixo pelas estradas e ameaças de contaminação do lençol freático.

Segundo o diretor administrativo da Associação de Produtores Rurais da Colônia Agrícola Vicente Pires, Edson Bezerra Cabral, imobiliárias e corretores pagam aos produtores pela transferência do direito de benfeitorias das chácaras, como casas e pomares, para revender a outras pessoas. “Isto vem acontecendo há pelo menos quatro anos, mas desde o início deste ano os parcelamentos aumentaram muito.”

Cabral afirma que as vendas são feitas por meio de anúncios classificados de jornal. A colônia agrícola tem 358 chácaras, com média de três hectares cada uma. Na opinião

do diretor da associação, os agricultores vendem porque estão desiludidos com a Justiça. “Existem até liminares favoráveis aos parcelamentos.” Ele não sabe quantos sítios já foram parcelados.

O diretor da associação considera pacífico o relacionamento entre agricultores e os novos moradores. Mas cheio de complicações. Ele explica que alguns depósitos de águas pluviais já estão entupidos com lixo e entulho de construção.

“Estes depósitos coletam as águas da chuva, evitando erosão e devolvendo a água para irrigação do solo”, diz Edson Cabral. Ele explica que os depósitos não permitem que as águas corram pela beira das estradas, provocando desmoronamentos de terra.

O diretor da associação diz que o adensamento da área rural é uma ameaça ao lençol freático. “A construção de muitas fossas vai contaminar a água que usamos para irrigação das hortaliças. Amanhã o produtor poderá estar vendendo alimentos contaminados, sem saber. É um problema ambiental e de saúde pública.” Ele afirma ainda que o loteamento também será prejudicial à impermeabilização do solo por causa do cimen-

to nos quintais.

Na opinião de Edson Cabral, a convivência entre moradores de áreas rurais e urbanas não vai dar certo. “Os moradores vão reclamar do cheiro dos porcos, das vacas das chácaras. Vão reclamar do cheiro dos defensivos agrícolas que são aplicados na lavoura. Não vão se sentir bem. E nós teremos que levantar muros de proteção contra vandalismo.”

Edson Cabral quer resolver o problema conscientizando os novos vizinhos. “Queremos convencê-los a não poluir o meio ambiente.” Ele diz que já foram feitas reuniões entre produtores e os novos moradores, para discutir estes assuntos. E quer apoiar a administração regional na solução do problema.

Segundo o administrador de Taguatinga, Arlindo Rosendo de Almeida, várias chácaras estão sendo retalhadas. Mas ele ainda não sabe quantas. “Dentro de um mês vou saber tudo sobre invasões em Taguatinga”, avisa. “Há cinco dias obtive a prova de parcelamentos.” Almeida afirma que os preços dos lotes variam de acordo com o tamanho, entre R\$ 10 mil e R\$ 30 mil.

O administrador cita que um dos

“OS MORADORES VÃO RECLAMAR DO CHEIRO DOS PORCOS, DAS VACAS DAS CHÁCARAS. VÃO RECLAMAR DO CHEIRO DOS DEFENSIVOS AGRÍCOLAS QUE SÃO APLICADOS NA LAVOURA. NÃO VÃO SE SENTIR BEM. E NÓS TEREMOS QUE LEVANTAR MUROS DE PROTEÇÃO CONTRA VANDALISMO.”

Edson Cabral

loteamentos da Colônia Agrícola Vicente Pires está sendo feito em uma área de 23 hectares que foi colocada à disposição dos produtores pela Fundação Zoobotânica para plantio coletivo de pasto. Os lotes ficam em frente às chácaras 109, 110 e 286.

“A área está cercada e demarcada como terrenos individuais”, diz Arlindo Almeida. Ele pediu à diretoria

executiva da Fundação Zoobotânica que cancele a autorização de uso para plantio de pasto no local.

A Administração Regional de Taguatinga está fazendo um levantamento sócio-econômico de todas as invasões de Taguatinga. “Parece uma imobiliária de invasões. O Distrito Federal já é um favelão, pode ficar pior. As invasões provocam problemas de ordem social gritantes”, reclama o administrador.

Arlindo Almeida pretende conhecer todos os focos e ter o perfil dos invasores em um mês. Até agora já identificou 13 pontos de invasão. Ele disse que os barracos estão sendo numerados para controlar a quantidade de invasores - que poderão ser beneficiados com pro-

gramas de habitação ou receberem passagens de volta para cidades de origem.

Entre os focos, quatro estão em colônias agrícolas. São 12 barracos na Vereda Grande, sete ou oito na Cana do Reino, seis na Samambaia (na área reservada ao Taguaparque, em Taguatinga Norte) e dez na Veredas da Cruz - onde além dos dez barracos estão sendo parceladas cinco chácaras.

As outras invasões estão espalhadas pela cidade. Há cerca de 380 barracos no Parque Onoyama, mais de mil no Areal (760 cadastrados e permitidos até uma solução final), 20 na Boca da Mata, oito no Pistão Sul, vários nos fundos das quadras QSC e QNC e 11 na Vila São José. Muitos casebres foram construídos em áreas nobres de Taguatinga. Ontem, foi demolido um barraco e derrubadas cercas em Currais das Pedras. Na semana passada, foram arrancadas cercas no Setor de Mansões.

Segundo a assessoria de imprensa da Secretaria de Agricultura, na próxima semana o governador Joaquim Roriz vai definir a solução para as colônias agrícolas.

